

O Turismo e as Rotas Culturais - Proposta de Rotas Museológicas na Região de Aveiro

Sara Vidal Maia, Universidade de Aveiro

saravmaia@ua.pt

Maria Manuel Baptista, Universidade de Aveiro

mbaptista@ua.pt

Resumo: A atividade turística é produto da sociedade capitalista industrial e desenvolve-se sob o impulso do consumo de bens culturais, pelo que é necessário criar produtos turístico-culturais viáveis. Neste sentido, as rotas turísticas apresentam-se como um produto apreciado pela procura e capaz de estabelecer a ponte entre turismo e cultura. Na primeira parte deste estudo faz-se uma concetualização dos conceitos de rota turística, rota cultural e rota museológica, e apresentam-se argumentos para o planeamento e a implementação de rotas. Na segunda parte, são constituídas e propostas rotas de casas-museu e de pequenos e médios museus de arte, na região de Aveiro.

Palavras-chave: Turismo Cultural; Planeamento de Rotas Turísticas; Rotas Museológicas

Abstract: The tourism industry is the product of capitalist industrial society and develops under the impetus of cultural consumption, so it is necessary to create viable cultural tourism products. In this sense, the tourist routes present themselves as a product enjoyed by demand and able to link tourism and culture. In the first part of the study it is made a conceptualization of the concepts of tourist route, cultural route and museum route, and it is discuss the planning and implementation of routes. The museum routes are the proposed theme for this article, because there were created, established and proposed routes of museum-houses and small and medium-sized art museums in the region of Aveiro.

Keywords: Cultural Tourism; Planning Tourist Routes; Museum Routes

Introduçãoⁱ

Os indivíduos têm desenvolvido um crescente interesse em comunicar, deslocar-se e viajar, transformando o fenómeno da prática turística numa indústria que gera todo o tipo de impactos sociais, culturais, económicos e políticos. Com efeito, a atividade turística é produto da sociedade capitalista industrial e desenvolve-se sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais (Rodrigues *in* Funari & Pinsky, 2005).

Como indústria cultural que é, o turismo promove atividades, produtos e experiências, como, por exemplo, atrações. Ao resultado desta relação chamamos turismo cultural. Contudo, é necessário que um bem cultural passe por um processo de transformação até que se apresente como produto turístico-cultural e, para tal, é essencial que se consiga contar uma história e proporcionar uma vivência/experiência ao visitante (Maia & Baptista, 2009). Uma das formas de estabelecer esta ponte entre turismo e cultura prende-se com a construção de rotas turísticas que facilitam o acesso dos visitantes aos bens culturais, ao mesmo tempo que englobam, sinergicamente, bens e serviços turísticos, indivíduos com gostos variados e comunidades com diferentes histórias.

O estudo do qual resulta este artigo procurar identificar um conjunto de objetos culturais – pequenos e médios museus na região de Aveiro – e transformá-los num produto turístico pronto a ser implementado, ao mesmo tempo que analisa as potencialidades dos museus e concelhos por onde se pretende implementar a rota.

No sentido de fundamentar as escolhas na criação e implementação das rotas museológicas desenvolvidas neste estudo, apresenta-se em primeiro lugar uma teorização que analisa e discute os conceitos de rota turística, rota cultural e rota museológica, ao mesmo tempo que se apresentam argumentos para o planeamento e implementação de rotas. Só depois são criadas, constituídas e propostas as rotas de casas-museu e de pequenos e médios museus de arte na região de Aveiro.

1. As rotas turístico-culturais e a vertente museológica

Na atualidade, as rotas revelam-se dos produtos mais procurados pelos visitantes na indústria turística. Assim, na ótica da oferta turística, a rota (ou itinerário) é vista como a produção de um conjunto de atividades e atrações que estimulam a articulação entre áreas distintas e servem de

estímulo ao desenvolvimento económico através do turismo (Briedenhann & Wickens, 2004 *in* Maia *et al*, 2011). Trata-se, deste modo, de um processo ativo, interativo e evolutivo, fundamental na área do turismo e do lazer, e que necessita de uma programação meticulosa e de uma gestão otimizada.

Existem quatro fases imprescindíveis na construção de uma rota turística: a preparação, a elaboração, o teste e análise, e a implementação. Na primeira fase da estruturação da rota devem ser considerados aspetos relativos ao planeamento, desenho, organização e comercialização do produto (Quijano *et al*, 1992 *in* Correia, 2005), para que posteriormente seja elaborada a rota propriamente dita. É nestas duas fases que são identificados os atrativos disponíveis na região, definidos os pontos turísticos estratégicos, delimitada a área geográfica e aplicado o programa da rota (Paula & Bastos, 2002). Numa terceira fase, a rota deve ser testada, para que se obtenham dados relativos à sua otimização ou a possíveis falhas que permitam uma análise posterior e um reajuste dos elementos. Numa quarta e última fase, encontra-se a implementação da rota propriamente dita, já apresentada como um produto turístico viável.

Uma das vertentes turísticas mais procuradas na Europa é a cultural, pelo que as rotas culturais são vistas como um produto que necessita de ser implementado. O conceito de rota ou itinerário cultural é inovador, completo, complexo e pluridisciplinar, pois contribui qualitativamente para a noção de património, para a sua divulgação e conservação, ao mesmo tempo que reforça o valor de cada elemento que compõe a rota e valoriza a comunidade local (ICOMOS, 2008).

Segundo Menezes (2002) *in* Pérez (2009:233), os roteiros culturais “são itinerários de visita organizados, nos quais não se apresenta apenas uma sequência de atrações a serem visitadas, procurando-se também, realizar uma leitura sociocultural do território”. De acordo com Pérez (2009:232), os itinerários culturais devem reconhecer a identidade patrimonial cultural e natural representativa de um dado local, ao mesmo tempo que procuram servir de elo de ligação entre visitantes e visitados. O tema e os pontos estratégicos do itinerário podem variar de acordo com o produto turístico que se pretende projetar. Aqui, os critérios diversificam-se consoante aquilo que o local tem para oferecer, o que o visitante procura, as condições e serviços que são disponibilizados, os investimentos que são feitos, entre outros. Para o enriquecimento do roteiro cultural pode ainda associar-se a este o guia intérprete, pois este pode funcionar como mediador cultural que estimula a autenticidade da experiência turístico-cultural.

O turismo contemporâneo permitiu o aparecimento de múltiplas rotas temáticas. Esta variedade permitiu a diversificação da oferta, ao mesmo tempo que facilitou a promoção de novos produtos turísticos e destinos (Correia, 2005). A construção de rotas museológicas é uma das formas de colocar em prática a relação entre a atividade cultural e a turística. Mais do que uma simples rota turística, uma rota museológica é o testemunho de uma identidade. Como itinerário cultural que é, representa um processo evolutivo e dinâmico das diversas ligações humanas interculturais, realçando a multiplicidade das contribuições dos distintos povos para o património cultural (ICOMOS, 2008).

As rotas de museus funcionam como mecanismos de apresentação, organização e divulgação da museologia, e podem potenciar os recursos socioculturais e patrimoniais de um local ou de uma região, integrando outras áreas como a tradição, o património, a arte, os costumes, o artesanato, a etnografia e a história. O desenvolvimento de uma rota museológica é de tal maneira complexo que abrange diversos agentes (públicos e privados) no seu planeamento, na sua organização e na sua gestão.

A todo o processo de planificação de uma rota museológica deve estar associado um tema, representativo de uma identidade própria dos elementos que constituem a rota e que reconhece a identidade patrimonial cultural e natural representativa de um dado local, ao mesmo tempo que procura servir de elo de ligação entre visitantes e visitados. Desta forma, entende-se que uma rota museológica deve contar uma história e proporcionar uma vivência/experiência (Maia *et al*, 2011). No âmbito desta investigação, os pequenos e médios museus de arte e as casas-museu são o objeto de estudo e constituem a proposta de rotas turístico-museológicas para a região de Aveiro.

2. Proposta de Rotas Museológicas na Região de Aveiro

2.1. Delimitação das rotas museológicas

O estudo desenvolvido propõe a criação de duas rotas turísticas na região de Aveiro: a rota das casas-museu e a rota dos pequenos e médios museus de arte. Para que se pudessem elaborar as respetivas rotas, procurou-se obter uma listagem dos museus existentes no território, à data de março de 2010. Deste modo, iniciou-se o processo de contacto com todos os municípios do

distrito de Aveiro (através dos seus sites e por *e-mail* ou telefone) e realizaram-se pesquisas de campo e *on-line* (entre março e abril de 2010).

Num total de quarenta e nove museus levantados, os concelhos de Águeda e Ovar são os que mais exemplares possuem (seis cada concelho) e os concelhos que menos se destacam no nosso levantamento são os de Castelo de Paiva, Albergaria, Espinho, Sever do Vouga e Vagos. Depois de recolhida a listagem dos museus existente no distrito de Aveiro, estes foram agrupados por categorias ou temáticas: Casas-Museu, Museus Etnográficos, Museus de Arte, Museus de Arqueologia Industrial, Ecomuseus, Museus de Música, Museus Municipais, Museus Militares, Museus Arqueológicos e Núcleos Museológicos.

O passo seguinte passou pela seleção dos museus de interesse para esta investigação, quer dizer, os que poderiam integrar as rotas, baseando-se a escolha em dois critérios previamente estabelecidos: 1. necessidade de serem reconhecidos (institucional ou publicamente) como Casa-Museu, Casa, Palacete ou Palácio, ou de possuírem como ex-líbris coleções de arte, nomeadamente peças de pintura, escultura e artes decorativas de renome artístico; 2. estarem inseridos num contexto local/regional (distrito de Aveiro). Desta primeira listagem faziam parte os seguintes museus: Casa-Museu Cancioneiro de Águeda, Casa-Museu João Tomás Nunes, Museu/Palacete José Luciano de Castro, Casa-Museu Egas Moniz, Casa-Museu Marieta Solheiro Madureira, Casa Gafanhoeira, Casa-Museu Custódio Prato, Casa, Museu Regional de Oliveira de Azeméis, Casa-Museu Ferreira de Castro, Casa-Museu de Arte Sacra da Ordem Franciscana Secular, Museu Júlio Dinis – Uma casa owarensis, Casa Museu – Casa Gandareza, Museu da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, Museu do Vinho Bairrada, Museu de Arte Sacra, Museu de Arte Nova, Museu de S. Pedro da Palhaça, Museu do Acervo da Misericórdia de Sever do Vouga e Museu de Santa Maria de Lamas.

Todos estes museus foram visitados e os seus responsáveis entrevistados (exceto a Casa-Museu – Casa Gandareza, por não mostrar disponibilidade para a entrevista), de forma a confirmar que possuíam as características exigidas para fazerem parte da investigação e poderem integrar as rotas museológicas. Desta forma, foram excluídos do estudo o Museu Júlio Dinis (por se encontrar encerrado para obras, sem data prevista de abertura), o Museu de Arte Nova (por ser um projeto, na época, ainda não concretizado), o Museu do Vinho da Bairrada (pela sua coleção estar mais dedicada à viticultura do que à arte), o Museu de Arte Sacra de Arouca (por apresentar

uma dimensão/coleção muitíssimo superior àquilo que aqui se propõe investigar) e a Casa-Museu – Casa Gandareza, restando um universo de catorze museus.

O processo de seleção das rotas foi extenso, meticuloso e exigente, e resultou da articulação de alguns critérios identificados através de pesquisa bibliográfica e da análise de *best-practices*. Assim, procurou-se determinar, como critérios que auxiliariam na seleção das rotas e dos elementos que as iriam compor, os seguintes: a “proximidade geográfica”; os “interesses dos turistas”; a “temática”; a “sub-temática”; e a “obrigatoriedade de se contar uma história e proporcionar uma vivência” (preparando os museus para orientarem a visita de acordo com a temática da rota ou utilizando um guia).

Em suma, estabeleceu-se a região de Aveiro como área geográfica delimitada, identificou-se o segmento de *visitantes culturais* como mercado-alvo a satisfazer (Eusébio *et al*, 2008), e as temáticas *casa-museu* e *pequenos e médios museus de arte* como principal objeto de estudo.

2.2. Constituição das rotas museológicas

A realidade encontrada e os critérios pré-estabelecidos com base na revisão bibliográfica permitiram que fossem criadas sub-rotas, baseadas em sub-temáticas. Assim, torna-se mais fácil cumprir a necessidade que um produto turístico-cultural tem de contar uma história e proporcionar uma experiência única e relevante ao visitante. Na constituição destas sub-rotas, houve a preocupação em visitar os museus em causa, bem como o concelho em que se situam, para posteriormente procurar validar a sua integração na investigação, sobretudo, respeitando cinco critérios: “temática” e “sub-temática”, “proximidade geográfica”, “tempo disponível para viajar” e “interesses”.

Na elaboração das sub-rotas museológicas procurou-se que cada museu fizesse sentido numa rota específica. Quer isto dizer que a cada museu foi atribuída uma temática principal e uma sub-temática acessória ou secundária. A proximidade geográfica foi outro dos critérios considerados, pois, embora exista uma área delimitada (região de Aveiro), esta possui uma larga extensão territorial e um elevado número de concelhos. Assim, na elaboração das rotas, houve o cuidado em unir museus que se encontram em concelhos relativamente próximos.

O tempo disponível para viajar que cada visitante possui diverge, pelo que foram criadas rotas de variadas dimensões. O número de museus em cada rota e a distância entre eles varia de rota para rota, de forma a proporcionar uma oferta turística diversificada que cumpra os requisitos de visitantes com diferentes exigências temporais.

Finalmente, todo o processo teve em consideração os “interesses” dos visitantes. Se o turista cultural foi identificado como o segmento-alvo deste estudo, todas as rotas criadas deveriam procurar transmitir uma forte mensagem cultural que atraísse a procura turística. Procurou-se que a temática de cada rota, a sua constituição e o próprio nome atribuído fossem o mais apelativos possível, para que o produto fosse facilmente identificado pelo mercado. Assim, com base nos critérios para a seleção dos museus e nos critérios para a formulação das rotas anteriormente apresentados, foram criadas cinco sub-rotas na região de Aveiro:

(1) “A casa tradicional da região de Aveiro dos séculos XIX e XX”. Esta rota é constituída pelos seguintes elementos: Casa-Museu Cancioneiro de Águeda, Casa Gafanhua – Museu Municipal, Casa-Museu Custódio Prato, Casa-Museu João Tomás Nunes, Casa-Museu Ferreira de Castro e Casa-Museu Egas Moniz. Esta rota centra-se na visita no estudo dos edifícios e utensílios expressivos da cultura popular dos séculos XIX e XX.

(2) “Personalidades da Região de Aveiro – as suas casas-museu”. Esta rota é constituída pelos seguintes elementos: Casa-Museu João Tomás Nunes, Museu/Palacete José Luciano de Castro, Casa-Museu Egas Moniz, Casa-Museu Marieta Solheiro Madureira e Casa-Museu Ferreira de Castro. Nesta rota estão inseridas as casas-museu que outrora foram a habitação de personalidades relevantes para a região ou para o país.

(3) “A Arte Sacra na Região de Aveiro – uma viagem pelos seus museus”. Nesta rota concentram-se os museus que possuem, como elemento fulcral do seu espólio, coleções de arte sacra: Museu de S. Pedro da Palhaça, Casa-Museu de Arte Sacra da Ordem Franciscana Secular e Museu de Santa Maria de Lamas.

(4) “Coleções de Arte – compilações museológicas na região de Aveiro”. Desta rota fazem parte os museus que colecionam obras de arte (pintura, escultura e artes decorativas) e as declaram como elemento principal do seu espólio. Esta rota é constituída pelos seguintes elementos: Museu do Acervo da Misericórdia de Sever do Vouga, Casa-Museu Marieta Solheiro Madureira,

Museu da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, Casa-Museu Egas Moniz e Museu de Santa Maria de Lamas.

(5) “Arte, vivência e personalidades – uma experiência museológica na região de Aveiro”. São quatro rotas alternativas que possuem, cada uma, um elemento representativo das seguintes três temáticas: Casa-Museu, Museu de Arte e Museu representativo de uma personalidade regional.

Embora alguns museus façam parte de mais do que uma sub-rote, como é o caso da Casa-Museu Egas Moniz ou da Casa-Museu Ferreira de Castro, cada sub-rote apresenta uma constituição diferente. Existem ainda sub-rotas que possuem menos elementos na sua constituição que outras, como é o caso da sub-rote “A Arte Sacra na Região de Aveiro - uma viagem pelos seus museus”, que possui menor dimensão, com apenas três museus.

Posteriormente, procedeu-se à formação das sub-rotas, com a inclusão dos museus que constituem cada uma delas, os seus objetivos e a descrição da própria rote, tal como se pode observar na tabela 1.

Tabela 1. - Tabela descritiva das rotas e respetivos objetivos

Rota	Sub-Rota	Objetivos	Descrição
<i>Rota das casas-museu</i>	“A casa tradicional da região de Aveiro dos séculos XIX e XX”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensibilizar os visitantes para a casa tradicional portuguesa; ▪ Divulgar costumes e vivências populares. 	Rota centrada no estudo dos edifícios e utensílios representativos da cultura popular portuguesa dos séculos XIX e XX.
	“Personalidades da Região de Aveiro - as suas casas-museu”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensibilizar os visitantes para a casa tradicional portuguesa; ▪ Divulgar vivências pessoais e sociais de personalidades da região. 	Rota centrada no estudo das casas-museu que foram a habitação de personalidades relevantes para a região.
<i>Rota dos pequenos e</i>	“A Arte Sacra na Região de Aveiro -	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensibilizar os visitantes para a arte sacra 	Rota centrada no estudo dos museus que possuem, como

<i>médios museus de arte</i>	uma viagem pelos seus museus”	regional.	elemento fulcral do seu espólio, coleções de arte sacra.
	“Coleções de Arte – compilações museológicas na região de Aveiro”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensibilizar os visitantes para os museus que reúnem obras de colecionador. 	Rota centrada no estudo dos museus que colecionam obras de arte (pintura, escultura e artes decorativas) e as expõem como elemento fulcral do seu espólio.
	“Arte, vivência e personalidades – uma experiência museológica na região de Aveiro”	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sensibilizar os visitantes para os museus regionais; ▪ Disponibilizar exemplares variados das restantes rotas; ▪ Multiplicar a oferta. 	Rotas alternativas que possuem, cada uma, um exemplar representativo das seguintes três temáticas: casa-museu, museu de arte e museu representativo de uma personalidade regional.

A tabela 1 começa por introduzir as duas principais rotas: rota das casas-museu e rota dos pequenos e médios museus de arte, para, de seguida, distribuir as sub-rotas, que se apresentam como sub-temáticas das rotas principais. Deste modo, as sub-rotas “A casa tradicional da região de Aveiro dos séculos XIX e XX” e “Personalidades da Região de Aveiro - as suas casas-museu” fazem parte da rota das casas-museu, enquanto as sub-rotas “A Arte Sacra na Região de Aveiro - uma viagem pelos seus museus” e “Coleções de Arte – compilações museológicas na região de Aveiro” se inserem na rota dos pequenos e médios museus de arte. Quanto à última sub-rotas “Arte, vivência e personalidades – uma experiência museológica na região de Aveiro”, é perceptível que esta se apresenta como uma compilação das primeiras duas rotas temáticas, que posteriormente se vai desdobrar em quatro opções de visita. A tabela 1 expõe ainda os objetivos de cada sub-rotas, destacando-se a tentativa dos museus em sensibilizar os visitantes para os seus espaços e as suas coleções. A tabela completa-se com uma descrição de cada sub-rotas.

2.3. Proposta de rotas museológicas

Procura-se agora expor graficamente cada sub-rotas, alargando a descrição do percurso e anunciando os pontos fracos e fortes de cada uma. Começa-se por atribuir um número a cada rota (1, 2, 3, 4 e 5), seguindo-se o título (ex.: “Personalidades da região de Aveiro – as suas casas-museu”) e respetiva composição (quais os museus que fazem parte da rota). No estudo original, foi atribuída uma cor a cada rota: Rota (1) – vermelho; Rota (2) – verde; Rota (3) – violeta; Rota (4) – laranja; e Rota (5) – azul.

A rota (1) – “A casa tradicional da região de Aveiro dos séculos XIX e XX” – é composta por seis pontos turísticos, cada um correspondendo a um museu: 1-Casa Gafanhua – Museu Municipal, 2-Casa-Museu João Tomás Nunes, 3-Casa-Museu Cancioneiro de Águeda, 4-Casa-Museu Ferreira de Castro, 5-Casa-Museu Egas Moniz e 6-Casa-Museu Custódio Prato. Esta rota procura reunir, num mesmo circuito, exemplares de edifícios regionais dos séculos XIX e XX, incluindo os seus recheios. Todas as casas se apresentam como modelos autênticos daqueles períodos, onde o visitante pode experienciar o espaço físico em que coabitavam os homens e mulheres desta região, na sua maioria agricultores e pescadores de origem. Contudo, alguns dos pontos turísticos desta rota passam por edifícios que outrora pertenceram a figuras de renome e que demonstram outras qualidades arquitetónicas e estéticas.

Apesar de os edifícios constituírem a razão de ser desta rota, todos os objetos, utensílios e trajes representativos da cultura popular regional, e que fazem parte do espólio, devem ser tidos em consideração, de forma a melhorarem a experiência turística e a proporcionarem uma vivência mais efusiva do espaço por parte dos visitantes. Esta rota permite também que o turista cultural possa conhecer duas realidades distintas da região de Aveiro: o litoral e o interior. Ao visitar os pontos 1 e 6 – início e fim da rota, respetivamente – o visitante tem a possibilidade de conhecer a realidade social do pescador/agricultor desta região. Nos restantes pontos, o visitante fica a conhecer os concelhos do interior da região, mas que ainda possuem uma forte ligação com o litoral e as suas práticas e os seus costumes culturais. A importância desta rota reside nos elementos que a compõem, bem como na diversidade dos concelhos por onde passa. O visitante deve dispensar algum do seu tempo para conhecer as casas-museu, mas também para conhecer os seus locais de inserção e a respetiva comunidade. Contudo, o visitante deve programar bem as

suas visitas, pois a distância entre os pontos exigirá uma maior disponibilidade temporal (prevê-se dois a três dias para cumprir todo o percurso).

A rota (2) – “Personalidades da Região de Aveiro - as suas casas-museu” – é constituída por um conjunto de cinco edifícios que terão sido a habitação de figuras de renome da região: 1-Casa/Palacete José Luciano de Castro, 2-Casa-Museu João Tomás Nunes, 3-Casa-Museu Marieta Solheiro Madureira, 4-Casa-Museu Egas Moniz e 5-Casa-Museu Ferreira de Castro. Ao percorrer a rota, o visitante poderá ter acesso ao interior dos edifícios, contactando com o ambiente íntimo de cada personalidade. Das personalidades aqui apresentadas, podem destacar-se Egas Moniz (ponto 4) e Ferreira de Castro (ponto 5), pelo seu importante contributo nacional. Nestes edifícios estão à disposição objetos do quotidiano, tal como loiças, mobiliário, utensílios de cozinha, objetos decorativos, entre outros que proporcionam ao visitante uma experiência que recua à época da vivência e convivência social do inquilino. Nestes espaços estão também disponíveis e expostas obras de arte, grande parte delas adquiridas em vida, e que formam belíssimos espólios a visitar.

Esta rota torna-se bastante interessante e satisfatória para o segmento de turismo cultural, mas exige um grande esforço de compreensão por parte do visitante. Neste caso, a rota deveria incluir um guia com conhecimento suficiente para recriar verbalmente a experiência e acompanhar o visitante em todos os pontos turísticos. Apesar de, nesta rota, os pontos turísticos serem em número inferior aos da rota (1), é necessário ter em consideração o mesmo problema relativo ao tempo, pois esta rota exige outro aprofundamento na visita, dificultando a realização do percurso num só dia. Contudo, há a salientar que os acessos entre os concelhos em causa são satisfatórios.

Composta por apenas três pontos turísticos (1-Museu de S. Pedro da Palhaça, 2-Museu de Arte Sacra da Ordem Franciscana Secular e 3-Museu de Santa Maria de Lamas), a rota (3) – “A Arte Sacra na região de Aveiro – uma viagem pelos seus museus” – é a que tem menor dimensão de todas as propostas. Esta rota procura reunir os museus da região que são reconhecidos pelas suas coleções de arte sacra, e pretende-se que o visitante tenha acesso a obras de arquitetura, escultura e pintura de cariz religioso, de diferentes épocas e escolas, que terão feito parte de coleções privadas (pertencentes à Igreja Católica ou a particulares).

O percurso inicia-se no ponto 1 com o Museu de S. Pedro da Palhaça (concelho de Oliveira do Bairro), espaço pequeno, mas recheado de peças de escultura e paramentaria intemporais, para depois seguir para o Museu de Arte Sacra da Ordem Secular Franciscana (ponto 2), em Ovar, que oferece escultura e outros utensílios de celebração, maioritariamente característicos dos séculos XIX e XX. Na última paragem desta rota encontra-se o Museu de Santa Maria de Lamas (ponto 3), conhecido pela diversidade da sua coleção. Aqui, o visitante pode escolher visitar apenas a coleção de arte sacra, onde estão criados espaços religiosos autênticos, com talha dourada, pintura, escultura e utensílios religiosos.

Os três espaços possuem características diferentes, não só na forma como estão organizados espacialmente, mas também na forma como as suas coleções se encontram expostas. No caso do Museu de S. Pedro da Palhaça, o visitante é convidado a percorrer a Igreja de S. Pedro e só depois é conduzido ao edifício anexo, para visitar as peças em exposição. Os restantes museus apresentam-se em edifícios não-religiosos, expondo as coleções de uma forma mais tradicional.

Uma das principais características desta rota, e que facilmente se deteta, é o afastamento geográfico que existe entre os primeiros dois pontos turísticos (Museu de S. Pedro da Palhaça e Museu de Arte Sacra da Ordem Franciscana Secular). Neste caso, propõe-se que o visitante aproveite para visitar os concelhos por onde tem de transitar para cumprir o percurso. Os acessos são satisfatórios e existem alguns percursos alternativos.

A rota (4) – “Coleções de Arte – compilações museológicas na região de Aveiro” – é constituída por cinco pontos turísticos (1-Casa-Museu da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, 2-Casa-Museu do Acervo da Misericórdia de Sever do Vouga, 3-Casa-Museu Marieta Solheiro Madureira, 4-Casa-Museu Egas Moniz e 5-Museu de Santa Maria de Lamas) e procura reunir as casas-museu e os museus de arte que possuem um espólio de colecionador. Dos cinco pontos turísticos selecionados, três pertencem a personalidades da região que se revelaram exímios colecionadores (Egas Moniz, Marieta Solheiro Madureira e Dionísio Pinheiro).

Nesta rota, o visitante têm acesso a vastas coleções de arte (pintura, escultura e artes decorativas) que passam por épocas e proveniências distintas, mas que obedecem a um mesmo propósito: o gosto pela coleção de arte revelado pelo seu comprador. Esta rota necessita que o visitante dispense pelo menos dois dias para efetuar todo o percurso, visto que terá de percorrer algumas

distâncias com certas dificuldades de acesso. Neste sentido, propõe-se que o visitante aproveite para conhecer os concelhos por onde o percurso passa, nomeadamente os do interior da região.

Finalmente, a rota (5) – “Arte, vivência e personalidades – uma experiência museológica na região de Aveiro” – é apresentada como uma alternativa às restantes. Nesta rota procura-se criar uma conectividade entre diferentes espaços museológicos, oferecendo ao visitante um exemplar de cada uma das anteriores rotas temáticas – casa-museu, museu de arte e museu representativo de uma personalidade. Este trajeto encontra-se organizado em quatro hipóteses diferentes, a cada uma das quais foi atribuída uma letra (a, b, c e d). Nesta rota, procura-se agrupar os museus pela sua proximidade geográfica e pelas diferenças existentes nas suas temáticas, ou seja, em cada sub-rota existe apenas um museu representativo das anteriores rotas, embora seja claro que nas anteriores rotas alguns museus se repetiam pela abrangência das suas coleções. Pode dar-se como exemplo a rota 5b que possui um exemplar da rota da casa tradicional da região de Aveiro (Casa Gafanha – Museu Municipal), um exemplar de museu de arte sacra (Museu de S. Pedro da Palhaça) e um exemplar de personalidade (Casa-Museu João Tomás Nunes).

Conclusão

Os bens culturais são, cada vez mais, consumidos pelos turistas, tornando o segmento de turismo cultural cada vez mais relevante, o que justifica o facto desta vertente do turismo ser essencial para o êxito da atividade. Em jeito de síntese, as rotas culturais, enquanto produto, podem ser vistas como um rendimento para os agentes de turismo, pois os turistas anseiam por este tipo de lazer.

A organização de rotas exige muita preparação, laboração e concentração pelo que se devem observar casos de sucesso, de modo a reconhecer as diversas fases/etapas de preparação de uma rota e os elementos a ter em conta na sua construção. As rotas museológicas são inovadoras e promovem a interdisciplinaridade, desde que devidamente planeadas no sentido de proporcionarem uma visita inesquecível ao visitante ao mesmo tempo que contam uma história.

Os dados levantados neste estudo permitem inferir que os museus na região de Aveiro possuem capacidades para satisfazer a procura turística, pelo que a implementação de rotas de casas-museu e de pequenos e médios museus de arte é possível. Neste sentido, as cinco sub-rotas propostas compõem uma oferta turística passível de ser testada de forma a procurar viabilizar a

sua implementação prática. As rotas agora apresentadas devem ainda ser testadas com um (ou mais) grupo(s) de teste, para detetar possíveis obstáculos à sua implementação e prática. Só assim é possível resolver os problemas detetados e adaptar as rotas às especificidades necessárias. A realização de estudos de mercado facilitaria a aplicabilidade das rotas e detetaria possíveis benefícios económicos das mesmas. Neste caso específico, pode-se explorar o facto de o mercado espanhol ser o mais relevante nesta região (Semedo, 2009), moldando pelo menos algumas destas rotas, numa fase posterior, às suas necessidades. Com efeito, a constituição das rotas museológicas na região de Aveiro pode trazer benefícios a vários níveis (económicos, políticos, sociais, culturais, ambientais), mas a articulação entre os museus e entre as sub-rotas deve ser bem analisada, para que o funcionamento integrado não seja um fracasso (Maia, 2010).

Referências Bibliográficas

Adejuvnon, F. (1985). “Cultural heritage as tourism product”. *Tourism Review*, 40(1): 19-21

Beni, M. (1997). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo, Senac Editora

Briedenhann, J. & Wickens, E. (2004). “Tourism routes as a tool for the economic development of rural areas-vibrant hope or impossible dream?”. *Tourism Management*, 25: 71-79

Cooper, C. (2001). *Turismo: Princípios e Práticas*. S. Paulo, Bookman

Correia, L. (2005). *As rotas dos vinhos em Portugal: estudo de caso da rota do vinho da Bairrada*. Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial. Aveiro, Universidade de Aveiro. Mestrado: 169

Eusébio, C., Castro, E. & Costa, C. (2008). “Diversidade no Mercado Turístico da Região Centro de Portugal: Identificação dos segmentos de maior valor económico em termos de Atividades Turísticas praticadas”. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 10: 9-24

Funari, P. & Pinsky, J. (2005). *Turismo e Patrimônio Cultural*. S. Paulo, Editora Contexto

Gunn, C. (1993). *Tourism Planning*. New York, Taylor & Francis

ICOMOS (2008). *Carta dos Itinerários Culturais: 12.* Elaboração do Comité Científico Internacional dos Itinerários Culturais e ratificação pela 16ª Assembleia Geral do ICOM. http://www.icomos.org.br/cartas/Carta_Itinerarios_Culturais_2008.pdf (acedido em 30 de dezembro de 2009, às 16h03)

IMC (2010). *Rede Portuguesa de Museus.* <http://www.ipmuseus.pt/pt-PT/rpm/ContentDetail.aspx> (acedido em 20 de abril de 2010, às 14h44)

Inskip, E. (1991). *Tourism planning: an integrated and sustainable development approach.* New York, Van Nostrand Reinhold

Kelly, L. (2008). “Museums and tourism”. *INTERCOM 2008: Museums, Tourism and the Visitor Experience.* New Zealand. <http://www.intercom.museum/conferences/2008/> (acedido em 15 de janeiro de 2010, às 11:50)

Lotman, I. (2006). *La Semiosfera I – Semiótica De La Cultura Y Del Texto.* València, Ediciones Cátedra Universitat de València

Maia, S. & Baptista, M. (2009). “O Buçaco enquanto Produto de Turismo Cultural”. Comunicação apresentada nas *II Jornadas Internacionais de Turismo, Dinâmicas de Rede no Turismo Cultural e Religioso*, Maia e Ponte de Lima, 5-7 de novembro

Maia, S. (2010). *Rotas Museológicas na Região de Aveiro – Um Estudo Empírico.* Gestão e Planeamento em Turismo. Universidade de Aveiro, DEGEI. Mestrado: 155

Maia, S., Martins, U & Baptista, M. (2011). “Cultural Tourism in the Urban Context. Museum Routes – The cases of Aveiro and Ílhavo (Portugal)”. *Colloque International Nouveaux Musées, Nouvelles Ères Urbaines, Nouvelles Mobilités Touristiques*, Paris, 20 e 21 de janeiro

Neves, J. (2000). “Museus em Portugal: elementos para uma caracterização”. *IV Congresso Português de Sociologia - Sociedade Portuguesa: Passados Recentes, Futuros Próximos.* APS. Universidade de Coimbra. http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df95cb4b1d_1.PDF (acedido em 16 de janeiro de 2010, às 10:39)

Paula, J. & Bastos, L. (2002). “Fotointerpretação aplicada na otimização de rotas turísticas”. *XII Simpósio Latinoamericano de Percepcion Remota.* Cochabamba-Bolivia. XII: 6.

Pérez, X. (2009). “Turismo Cultural - Uma visão antropológica”. PASOS, *Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, Tenerife.

Semedo, É. (2009). “Para uma Geografia de Aveiro”. *História de Aveiro - Sínteses e Perspetivas*. C.M.A. Aveiro.

T.C.P. (2010). *Museus na região da ria de Aveiro*. <http://www.turismodocentro.pt/aveiro/index.php?ID=20> (acedido em 9 de março de 2010, 15h21)

ⁱ O texto deste artigo faz parte de uma pesquisa realizada no âmbito de uma dissertação de Mestrado, intitulada “Rotas Museológicas na Região de Aveiro – um Estudo Empírico” apresentada, em Julho de 2010, à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo (vertente Cultura).